



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

Mestre Kun Mo Bang [2]
(entrevista)

Marília, SP

2003

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

Número da entrevista: E-952

Nome do/a entrevistado: Mestre Kun Mo Bang

Local da entrevista: Marília, SP

Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Data da entrevista: 11/10/2003

Transcrição: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Copidesque: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Revisão: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 2 horas.

Páginas Digitadas: 36 páginas

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

** Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: BANG, Kun Mo. Entrevista com Mestre Kun Mo Bang [2] concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, Marília (SP), 11 out 2003, 39 p.

SUMÁRIO

Imigração coreana para o Brasil e choque de gerações; Vinda da família; Participação na International Student Relation Association; Circulação da cultura oriental no Brasil nas décadas 1960 e 1970; Entrada na universidade; Academias em Marília; Início do taekwondo em Marília; Sofrimento dos primeiros imigrantes em 1963; Trabalho no DOPS com treinamento de policiais; Criação da Federação Mundial; Unificação das técnicas por Choi Hong Hi; Relação com os japoneses; Escolha de Marília; Visitas à Coreia.

Marília (SP), **11 de outubro de 2003**. Entrevista com Mestre Kun Mo Bang (**K.B.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

F.M. – Bang, eu participei de uma mesa redonda falando dos 40 anos de imigração e uma coisa que me chamou a atenção nessa mesa redonda foi de perceber um choque de gerações entre aqueles coreanos que vieram da Coreia já formados e os coreanos que chegaram aqui com 15 anos e concluíram formação e aqueles que são filhos dos coreanos que nasceram. Então assim eu percebi nessa mesa redonda em que estavam o presidente da Associação brasileira dos coreanos, estava o Cônsul Geral da Coreia, na fala deles uma coisa que chamou muito a atenção foi que havia um descompasso entre os interesses desses primeiros coreanos que chegaram aqui já formados e os interesses que os coreanos que terminaram sua formação aqui que já tinham um contato melhor com Brasil tinham e trazendo isso pro taekwondo parece que isso aconteceu mais ou menos no mesmo momento no momento que os mestres coreanos, os primeiros mestres que chegaram enfrentando dentro da colônia a pressão daqueles coreanos que chegaram e concluíram sua formação aqui, daqueles coreanos nascidos aqui no Brasil mesmo e também os brasileiros no taekwondo querendo também serem mestres e também levarem o taekwondo conforme a sua vontade. Você tem alguma coisa a dizer sobre isso? Alguma coisa que você tenha pensado, você sentiu um pouco isso aí?

K.B. – Sobre isso eu não sei, por exemplo quando nós chegamos aqui entre coreanos que chegou antes mais ou menos 5 anos, 6 anos, chegaram antes de nós.

F.M. – É o pessoal que começou a chegar a partir de 1963, né?

K.B. – Também há muito poucos, muito poucas pessoas concentradas no parque Xangai, em baixo daquele Liberdade. Então sentindo todo mundo fraqueza, fraco dentro do Brasil, então muita união, não tinha assim contra, um contra o outro, bem unidos aquele época e também criançada que recém-chegado não tem ideia o quê que é Brasil por que pai ainda não abriu família dele pra Brasil então vive fechado, então entre coreanos levando tempo

até crescer assim socialmente e economicamente, acho que socialmente é depois, primeiro eles melhora economicamente né e depois manda filho pra escola, escola melhor é assim particular, aí começou a formar uma nova ideia né? Misturando aprendizagem pelo país ou da Coréia que chegaram aqui jovens e entrou escola e recebendo cultura brasileira. Assim começou a formar uma cultura mestiça entre Coréia-Brasil. Então esses jovens cresceram e forma, fazendo formação, primeiro lugar maioria primeiros formados são técnicos, né? Assim... Tinha dificuldade língua, então eles optaram pra medicina ou engenharia, assim parte técnico não usava como você estudando história, administração essa coisas tava difícil. E logo depois eles criança que chegaram da Coréia começou a estudar eu já sai, saindo de lá e ouvindo notícia pelo... Assim... Fim de semana encontra amigos observando filhos, então assim que entendendo jovens coreanos que 1 ponto e meio.

F.M. – 1.5 e 2.0.

K.B. – [risos] Geração fala. Então eu, por mim não tinha assim sentido atritos desses filhos, cultura dos filhos e pais, eu não percebi.

F.M. – Aqui a experiência sua dos seus filhos aqui em Marília não teve muito isso?

K.B. – Não teve. Eu ensinando dentro do..., da família, dentro da casa e ensina um costume, filosofia? Não sei. Chega lá pensamentos, entre nós coreanos cada família tem um frase pra passar pra filhos, então pra explicar, mas eu como já veio de São Paulo pra cá sozinho aqui cidade de Marília, né? Sozinho coreano pra aprender Brasil.

F.M. – Ah, você não veio com esposa, nada.

K.B. – Não vim. Primeiro veio sozinho, né? Eu cheguei sozinho 71 maio e cheguei Brasil, e cheguei aqui Marília fim de junho já e só um mês eu fiquei em São Paulo, muito pouco tempo. Aí depois minha esposa chegou setembro, né? Setembro chegou direto pra Marília não ficou em São Paulo, depois 72 aí primeiro filho nasceu aqui em Marília, meus filhos, quatro filhos tido aqui mariliense. Eu tinha preocupação dos filhos pra não aprender português, não aprender Brasil e como filho já nasceu aqui eu queria crescer como brasileiro, né? Mas no espírito, claro eu passo a filosofia da casa, família, eu ensina

costume da Coréia ensina, mas não perde parte do Brasil. Então um ano e meio eu já mandei eles escola pra aprender Brasil, falar bem português por que eu tinha aqui minha sogra junto, então sempre conversando na língua coreana, outro lado preocupação que vai falar português com sotaque como o pai, como vó né? Então já ano e meio de idade eu comecei mandar escola pra aprender Brasil correto em primeiro lugar, como já tá morando aqui já nasceram filho, eu acho que um dia vai ser perfeitamente brasileiro, então eu não queria deixar demorado ser brasileiro, como já tá morando tem que virar brasileiro mesmo, vai no Roma tem que ser romano, vira romano e igual assim queria meus filhos mais rapidamente adaptar no Brasil e viver como brasileiro por mim hoje mundo é muito pequeno, fala horas, quando eu cheguei aqui demorei 56 horas de viagem, hoje 24 horas de viagem daqui a pouco acho que 4 horas de viagem vai chegar lá, tá programando aí Estados Unidos até Coréia é 2 horas, então aqui até Estados Unidos 2 horas, 4 horas chega lá. Então mundo cada dia que fica pequeno então depois fala brasileiro, coreano acho que não vai falar mais futuramente, gente da Terra. [risos] Então preocupação que meus filhos logo pra ser brasileiros.

F.M. – Mas hoje ou durante todo esse processo, agora seus filhos são adultos, 30 anos se passaram, em algum momento dessa história toda você ou algum de seus filhos sentiu falta de ter um contato mais próximo com a colônia ou não? Ou essa intenção de conhecer o Brasil de se tornar brasileiro sempre foi mais forte?

K.B. – Então pra eles, então eu já levei todos filhos, né? Até caçula foi Coréia até ano passado, mas voltou, deixou um semestre aqui da faculdade e foi pra Coréia fazer curso de língua, né? Língua coreana. Então eu to levando todos filhos pra Coréia conhecer, certo? Porque não esquece minha terra e fazer língua correto, falar língua correto. Então aqui mesmo, tudo tá em São Paulo, mas dois filhos São Paulo, dois tá aqui, mas eu sempre ensina em casa língua coreana, por quê? A gente aprende língua americana, espanhol, tá todo mundo falando, por que deixa de falar coreano? Então eu ensino e ainda terra do pai então acho que tem que falar eu levo lá todo semestre, cada um fica um semestre, tá estudando, todos estudaram coreano, mas problema em casa é assim obedecer, certo? Então eles nunca mostraram que: “ah não quero aprender”. Sempre um projeto eles concordam, nunca forcei e filhos nunca recusou.

F.M. – Bang Você sabe que isso que você está me dizendo e um negócio que prôs coreanos é uma coisa um pouco complicada, porque a pessoa que nascia na Coréia naquela época ainda tinha muito forte os valores do confucionismo e tal, que prega uma certa hierarquia dentro da família, com dentro da sociedade também e nesse sentido que em alguns os costumes quando os pais passam prôs filhos não têm o mesmo efeito, os filhos de certa forma não entendem por que estão envolvidos na cultura brasileira que de certa forma não tem a mesma, vamos dizer assim “rigidez” que o confucionismo prega coisa que os coreanos sempre tiveram, né?

K.B. – Sim eu acho uma maneira de passar pra filho esse pensamento, esse filosofia de claro esse ensinamento do confucionismo é, então como passa pra filhos, eles fora da casa é uma outra filosofia materialista hoje de “ato”, nossa filosofia é outra. Então como papai tem que passar é preciso técnica, você mesmo vai ser acadêmico, professor, vai passar pra seus alunos tem que ter método pra seus alunos pra entender, então muito importante esse. Então maioria eu acho, maioria coreanos, pai, mãe trabalhando 24 horas que não tem tempo pra passar corretamente, não tempo pra explicar. Então um “faça” dentro da casa, sai de fora... E atrito quem resolve? Tem que conversar com o pai. Aí ensina: “você não brigue, não briga na rua”. Uma palavra: “melhor apanhar”. Mas fora de casa sai entre criança e brigando, “será que eu tenho que apanhar?” “Eu tenho condições de bater nele, pai me falou que apanhar melhor do que bater”. E esse atrito? Então tem que, pai tem que explicar por que melhor apanhar, mas maioria família todo mundo trabalhando eu acho que não tem condições de explicar, até hoje eu até na faculdade minha aula eu passo esse confucionismo, por que hoje o mundo tá muito violência e gente tá sofrendo uma parte de desenvolvendo material e esqueceram outra parte, então nós precisamos olhar sempre dois lados. Então eu acho que esse falta de tempo, falta de conversa, eu felizmente meus filhos entenderam o que é pensamento do pai pra ser seguido, por exemplo, desde de pequeno um erra aí apanhava de chinelo, quando tinha 3 apanhava os 3, quando tinha quatro apanhava os 4, por que um filho primeiro errou então outros apoiou pra errar, o segundo errou, primeiro você não ensinou correto e assim ensinando formando uma união entre eles por que esse ensinamento ele procura conversar, resolver as coisas, então tão unidos até hoje primeiro filho, segundo filho tem 17, é 15 meses de diferença, mas até hoje ele obedece, segundo filho obedece de primeiro não interessa o quê que é, eu vejo assim diferença de dois, três anos irmãos e responde, sabe que brasileiros, né? Até chaga brigando gritando

assim, mas na minha família não acha, nunca vi. Obedece e um chama o outro se senta e discuti, nunca tem um assim, grito. Então eu acho que eu morando aqui interior eu tinha tempo suficiente pra conversar, fim de semana, sábado, domingo, como você morou já Bauru sabe, fim de semana é folgado nessa hora que é hora de conversar, passear junto, São Paulo assim cidade grande fim de semana que fazer alguma atividade social então também não tem muito tempo pra conversar com família eu acho, eu acho não sei eu não convivi com colônia coreana chegando aqui e já desde de época de faculdade que tá fazendo na Coréia eu viajei muito o mundo inteiro porque foi um ano escolhido presidente de chama ISRA.

F.M. – Como?

K.B. – ISRA, International Student Relation Association, no mundo inteiro movimento de estudante do mundo. Aí eu já tava participando como membro, então começou a viajar assembleia, regional, geral, depois um eu foi presidente então oportunidade viagem mundo inteiro. Então aprendendo então aí já eu tava pensando assim, não precisa separar Coréia, Japão, Estados Unidos porque cada família, cada lugar vai... por exemplo, você paulista, você carioca, baiano separa, então separação que tem colocando mais nome acho que união cada vez mais difícil, naquele época pessoal do mundo, pessoal do terra que humano, não precisamos unir pra ter paz. Visão pra mim é essa, aberta pra abraçar o mundo inteiro não quero assim, separar coreanos, brasileiros, cara já tá separando, mas espiritualmente queria unir. Então eu queria aprender logo Brasil, aprender mais rápido Brasil, procurando continuidade pra aprender e ensinamento pra filhos assim. Hoje eles adaptaram muito bem como brasileiros, então meus filhos um pouco diferente por exemplo hoje eu encontro jovens eu dou aula então jovens: “Oh Bang!”, “Oh professor!”, “Oh mestre!”, “Oh!”, então fala. Meus filhos diante do professor um pouco diferente, observando de longe ele chega lá: “Senhor”, “Doutor”, “Professor”, o tom diferente. Eles já falando aquele ensinamento da pai explícito coreano já baixando cabeça pra superior, tá diante do superior, então tom ele... é tom de palavra é diferente já incluindo respeito para professores, pessoa idade, então fala, entendendo: “ah um pouco tímido” Mas que não entende direito: “ah ele é meio tímido”. Mas não é tímido, é esse colocando um pouquinho de respeito pra velhos então diferença.

F.M. – Bang uma coisa que também me chamou a atenção e ainda eu to procurando uma resposta pra isso, não sei se você pode me ajudar, é que vocês chegaram na década de 1970 e os primeiros coreanos da colônia chegaram ainda na década de 1960, começaram a chegar em 1963 e vendo revistas, vendo os jornais da época eu não consegui encontrar muita coisa que era relacionada à cultura oriental, alguma coisa que fizesse referência a uma cultura oriental no Brasil a impressão que dava que pouco se conhecia disso aqui no Brasil, você percebeu isso? O que é que tinha de cultura oriental quando você chegou? É claro você podia dizer um pouco em São Paulo apesar de você ter ficado pouco, mas mais aqui de Marília, o que você percebeu.

K.B. – Aqui em Marília é colônia japonês que criou essa cidade, igual Bastos, até hoje japonês que fala que brasileiro é que é estrangeiro. Marília também foi assim maior número de população era japonês plantando algodão, depois terra que não produziu e todo mundo mudaram pra Paraná e sobrou pouquinho. Então aqui tem cultura japonês ta bastante desenvolvido, mas nós chegamos aqui coloca cultura coreana não tinha espaço, não intenção de criar um atrito no cultura coreana. Cultura coreana, cultura japonês, cultura chinês é igual cultura baiano, cultura carioca, cultura paulista, por que você sabe como está estudando história, tudo cultura na Ásia ande começou? Na China, né? Aqueles dois rios grande Yang Tsé, né e rio Amarelo, certo? Então esse foi pra onde? Pelo norte entrou Coréia, pelo Sul entrou Okinawa é último que recebeu é Japão hoje é a ilha principal chama Honshu, eles unificaram Okinawa e Norte e chama Japão. Então eles ta abrindo assim, japonês abriu porta pra mundo e Chinês tava fechado até pouco tempo, Coréia também. Então oriental do olho puxado é só japonês conhece, por exemplo 1592... isso 1592 japonês primeiro ataque que fez pra Coréia, até 1592 Coréia levou cultura pra Japão certo? Essa budismo, confucionismo, tudo e levando dando comida, certo? E tratava, uns bandidos sem cultura por que eles vivia só roupas, usa só amarra aqui, então é... Coreano já era culto e... Como fala? Já sabe vestir, já sabe ler, já sabe escrever, já escreve filosofia, poemas, mas líder vem comida, né? Brigava. Então trava como bandido e coitados, então Coréia ajudou assim comida, levava comida, levava cultura, onde faz (xaine), como chama essa... Xícara.

F.M. – Porcelana?

K.B. – Porcelana. Então é ensinamentos tudo né? Budismo, um lado pra ilha principal Coréia que levou, por exemplo budismo, pelo Okinawa, China levou budismo, certo? Ai entrou na Okinawa, depois entrou Honshu e misturou. Então cultura por exemplo você falou: “confucionismo”, certo? Ele é verde? Não. Chinês. Então como que entrou? Entrou Okinawa no Sul a sul tinha comércio e intercambio cultura como Okinawa, né? Aí pelo Coréia tinha intercambio com ilha principal, certo? Então é cultura que levou, então a diferença é muito pouco, por exemplo, principal: comida. Comida chinês pelo norte é frio é...como fala... Essa é meridional, essa como que chama?

F.M. – Paralelo.

K.B. – É paralelo. Paralelo 40, Pequim é 42, né? Então frio, então eles colocaram muito gordura, gordura do porco, então gorduroso. Cultura veio pra Coréia, a Coréia do Norte é gorduroso, quase igual a do China aí descendo o Sul tirando gordura, diminuindo gordura, mas quase igual. Depois aí Sul aí colocou pimenta, aí levou pra Japão, japonês não gostava pimenta, aí tirou gordura, tirou pimenta e colocou açúcar, certo? Mudança é pouco, por exemplo, hoje você come yakisoba. Yakisoba origem é chinês aí dependendo o lugar, aí mudando um pouco mas origens são iguais. A gente entra na China principal norte, entra carne de porco com gordura, certo? E descendo. Chegando lá hoje Japão até tira gordura do porco e coloca carne bovina e ou coloca frango, mudança... Então eu acho não separa japonês, coreano e chinês, eu raça amarela olho puxado, são iguais, diferença é muito pouco, como carioca, paulista, baiano. Essa é pouco, cultura mesmo são iguais. Então eu cheguei aqui não precisa falar eu sou coreano, eu coreano, outros me chamaram de coreano ta certo? Eu passei minha parte que aprendi e tentando misturar com que passar pra adaptar pra brasileiro ensinando os jovens, até hoje eu ta na escola e filosofia mesmo não sei cada que interpreta, você fala, mas outro... Aí seus alunos vai interpretando, eu passei aqui jovens mais ou menos pela academia pouco mais de dez mil inscrições, eu tenho dos jovens durante esse todo tempo, então dez mil jovens ouviram as palavras, eu tentei pra passar melhor com facilidade eu fiz faculdade pra melhorar português, até hoje eu falo mal né? Então eu precisava passar, que maioria coreanos mestres falava só: “assim, assim, assim”, né? Movimento. Mas eu precisava passar filosofia, eu precisava passar esse pensamento, então eu fiz a faculdade não pra ser professor de faculdade, eu trabalho professor de faculdade, mas intenção era pra aprender português. Então tentei passar

pensamento, então depois crescido hoje muitos alunos aqui passam, hoje já doutor médico que defendendo tese que coloca meu nome no agradecimento que me né? Uma palavra, eu nem lembro, mas eles lembra jovens né? Uma palavra que deu choque aí ele levando a vida, então eles passam já tão quase mesma idade, cara é mesma idade, 40 anos, 45 eles voltam aqui conversa comigo, então fico muito contente por eles entenderam uma parte, então invés de eu entrar no Brasil, acho que muitos jovens entraram na cultura coreana sem fazer assim fora da academia, eventos sociais, culturais, em minhas palavras eles dentro da academia cada um escolhe. Vivendo um novo tempo então eles tão misturando, jovens hoje, aquele época de jovens, mesmo hoje eu conversei, pra mim um menino hoje jade defendeu tese de doutoramento de medicina e trouxe ele colocou meu nome né? Ele não esquece. Então eu penetrei sem querer, penetrei pra brasileiros, então se dez mil jovens que pelo passou na minha mão eu trabalhando uma idéia, uma filosofia, junto com... coreanos. Ode falar coreanos, mas orientais.

F.M. – Então você enfrentou dificuldades aqui pelo fato de ser novo, de certa forma ser diferente daquilo que tinha aqui, mas isso nunca foi uma barreira? Como é que foi que você lidou com isso?

K.B. – Sim. Sim, dificuldade eu tinha muito dificuldade primeiro é língua. Língua eu como polícia militar que primeiro dava aula, eles me deram um intérprete que fala inglês, eu falava inglês e deu intérprete pra trabalhar, mas como esse intérprete é um tenente eu não tive oportunidade de aprender português, três meses depois eu dispensei ele por que durante três meses eu peguei um livro, tinha livro língua português para estrangeiros, aí tá escrito português, inglês, português, inglês. Então eu tava estudando como esse e mínimo palavra eu já peguei aí dispensei esse tenente por que falando com tenente ele sempre explicando com inglês, eu falando com inglês é que nunca vai aprender português, a situação é a mesma em São Paulo, né sempre fala coreano, então eu dispensei ele eu tava começando...

F.M. – É só tinha trocado o coreano pelo inglês.

K.B. – É. Aí eu dispensei ele depois três meses e começou a falar assim mesmo, primeiro base é movimento e ensinamento, aí passando o tempo eu tinha dificuldade em

tecnicamente explicação delicado, pensamento, parte espiritual, então necessitava pra explicar, necessitava pra falar, então eu usava língua inglês do dicionário inglês/português, as vezes eu não lembrava palavra em inglês, coreano/inglês, inglês e português, aí português coreano não tinha aquele época...

F.M. – Dicionário.

K.B. – Explicação. Então português pra português aí já não entendia, aí volta pra português inglês certo? Aí enfim saía um outro sentido de frase.

F.M. – Teve muita confusão Bang?

K.B. – Não. Teve já sentia que não era aquele, então precisa conviver com esse nível de pessoal, aí comecei fazer... Há eu fiz vestibular, mas naquele época Unimar, entrei muito bem porque lembrava ainda poucos, poucos matéria, por exemplo, era fácil biologia, inglês, matemática e lembrava só o que não sabia português, mas eu pedia assim socorro que redação, como que eu faço redação? Redação era sobre carnaval tava pensando eu pedi socorro, escrevendo que carnaval é e tudo errado o português mesmo e gramática eu acho que tava errado, mas pensamento pelo menos tá... né? Coloca lá aí finzinho eu escrevo assim: “Como estrangeiro eu acho...” Aí escrevi que mostrei que sou estrangeiro que pelo menos não pra zero ponto, aí não deu zero aí passei vestibular. Aí teve oportunidade de aprender tecnicamente, cada aula eu perguntava o movimento pro professor como que explica? Como que fala? Aí aprendi assim pessoalmente, então tava melhorando e assim foi, tinha grande dificuldade de língua mesmo até hoje, até eu tenho dificuldade palavras, frases, aplicação do palavras é diferente, então sempre eu falo, por exemplo, ano passado eu precisava discursar bastante, então eu escreve meu discurso e eu peço pra olhar o meu amigo, os meus amigos sempre eles corrigindo eu, eles entendendo a minha dificuldade, então eles corrige pra mim até hoje.

F.M. – O Bang deixa eu te perguntar uma coisa. Nessa história sua na academia, naquela época na década de 1970, já havia aqui no Brasil, aqui em Marília os filmes do Bruce Lee e isso de alguma forma acabou ajudando trazendo mais alunos pra academia ou não?

K.B. – Acho que sim, mas primeiro foi assim... Eu formei número 1, 2, 3 faixa preta no Brasil aqui Marília porque um das primeiras academia, tinha Academia Liberdade e depois aqui na Academia de Marília segunda academia no Brasil, depois Sang in Kim abriu outra academia na Augusta, depois passando o tempo eu formei três faixa preta diploma internacional, número 1,2,3 aqui em Marília aí passando tempo acho que em 75 ou 74, 75 acho que é teve o primeiro campeonato interclubes Brasil, brasileiro, acho que é no Pacaembu, nós ficamos campeão. Aí naquela época do prefeito de Marília que me ajudou e recepção foi como hoje campeão mundial e na entrada da cidade eles colocaram carro de bombeiro, compraram bomba né? Estoura bomba aí nós desfilamos cidade inteira, chegamos aqui um domingo de tarde, aí avisou pelo rádio, pelo rádio eu já tinha avisado: “Marília foi campeão brasileiro interclubes”. Naquela época não tinha televisão rádio tá falando, né? Aí tá falando, convocando pais do aluno que tá participando, então pais, família, aqui interior não tem nada pra fazer ainda mais de domingo, então família amigos e todo mundo, aí juntaram lá na entrada, e com prefeito, vereadores, sabe? Aí carreata andou cidade inteira. Eu tinha mais ou menos... não chegava a 50 alunos na academia, era domingo, segunda feira eu fiz a inscrição mais de 200. [risos] Então assim já cidade, depois prefeitura, secretário de esporte, assim ajudando em eventos.

F.M. – Você já conhecia o prefeito nessa época ou não, você simplesmente ligou pro prefeito?

K.B. – Eu já tinha conhecido porque eu precisava batizar meu filho pra entrar na Cristo Rei, assim aquele época sem batismo não pode entrar, naquele época Cristo Rei particular melhor escola, então eu precisava batizar. Eu sou família budista, sou família budista, mas eu formei faculdade cristã protestante e aqui batizei católico [risos] pra batizar meu filho, esse batismo quem foi meu padrinho era irmão do prefeito porque ele era meu aluno entre meu aluno ele era velho, aí eu convidei pra me batizar, certo? Ele me batizou, em seis meses de estudo de português me tornei padre [risos] aí eu batizei. Quando batizei, esse irmão do prefeito ainda não era prefeito era um simples meu aluno, meu aluno mais velho, aí convidei aí ele batizou. Depois passando o tempo irmão dele ficou prefeito, então eu liguei pra padrinho, né? Aí: “nós ganhamos!”. Nós ganhamos aqui alegria tal né? Liguei pra São Paulo. Então preparou tudo isso.

F.M. – Na realidade você nem esperava foi uma surpresa.

K.B. – É, surpresa. Eu nem sabia como que faz, nunca imaginei que subir na recepção, aquele época tinha terra assim, é diferente tem nem casa quase nada, subi em cima do carro de bombeiro, nunca imaginei [risos] aí eu liguei. Aí ele falou, ele falou: “se for campeão cê me liga”, No dia antes. Aí nós fomos campeão aí liguei pra ele, tava esperando. Aí nós chegamos aqui mandou parar lá, antigo posto policial, né? Não tem mais. Aí paramos, paramos lá aí já tinha carro de bombeiro, cheio de... Como família toda, prefeito tá abraçando, sabe né? Não tinha dificuldade porque foi muito bem recebido aqui Marília prefeito me ajudou bastante, todos prefeito até hoje ajudou esse esporte pobre aqui em Marília.

F.M. – Bang, mas no começo as pessoas que iam procurar iam por curiosidade, não sabiam o era o taekwondo.

K.B. – Não sabiam o que era. O primeiro chegou aqui: “É... esse taekwondo é restaurante da onde?” Né? Até chegou pra perguntar. [risos]

F.M. – Aconteceu isso mesmo?

K.B. – É aconteceu. “Taekwondo é restaurante de qual país?” “Não é japonês? Chinês? Tailandês?” Desse jeito, e não sabia. [risos] Aí coloquei caratê coreano, certo?

F.M. – Aí o negócio funcionou?

K.B. – Aí... Pelo menos explicou, taekwondo arte de combate, caratê coreano, acho que muito tempo cinco, seis anos ou mais nós usamos esse frase.

F.M. – É, mas não foi uma idéia só sua os outros coreanos também usaram isso, né?

K.B. – Sim, sim. Eu coloquei primeiro aí outros começou colocar.

F.M. – E aí a coisa funcionou?

K.B. – E aí começou a explicar melhor o que é caratê coreano.

F.M. – Por que já tinha caratê aqui em Marília?

K.B. – Não, não tinha. Aqui não tinha. Marília tinha só academia de judô.

F.M. – Outra coisa que eu queria perguntar Bang é assim. Você falou: “ah eu trabalhei na polícia militar e tal”. Né? Os primeiros mestres também o Sang In Kim e o Sang Min Cho também trabalharam. Como é que foi essa entrada na polícia?

K.B. – Então, nós viemos aqui no Brasil pra ensinar policial militar que nosso convite foi 68, né. Sessenta e oito eu... Aquele época não tinha Federação Mundial, tinha Federação Internacional, né? Federação Internacional presidente era General Choi Hong Hi, em 1968 ele foi nomeado do embaixador da Malásia aí ele tava trabalhando com embaixador Malásia, aí deu oportunidade que ele recebeu do presidente pra viajar mundo, parece que tinha algum negócio, não sei. Ele chegou Brasil...

F.M. – Naquela época na Coréia era governo militar também né?

K.B. – Isso. Em 68 é meio militar, meio militar. Ele tirou roupa, presidente tirou roupa, mas ele era militar, então chegou aqui no Brasil é presidente Médici, então conversando, acho era sobre guerra da Vietnã, Guerra da Vietnã: “Ah coreano soldado que matou 28 vietcongue sem armas, o que é isso?” Choi Hong Hi que do exército, que nós mandamos, Choi Hong Hi mandou um tropa de instrutores do taekwondo para o Vietnã, então explicando. “Ah então por que não manda aqui Brasil? Brasil nós estamos sofrendo terrorismo que terrorismo que usava arma metralhadora mata... Pegar um e pegava metralhadora e civil que não tem nada a ver tá morrendo, então se você mandar esses técnicos em taekwondo poderia sem matar civil pegar o terrorista”.

F.M. – Então Bang, esse terrorista que hoje, que época foi falado terrorista, mas que hoje também a gente sabe que muitos também ali brigando por ter direitos políticos é poder ter liberdade de escolher o partido que quisessem, e tal... Tinham outros interesses que não ser terroristas mesmo, né? Matar pessoas ou coisas assim. Hoje a gente sabe disso, mas no

entanto na sua fala você diz: “ah a gente ia ajudar a polícia a combater o terrorismo...”. Naquela época você tinha essa percepção de que esses terroristas também não eram apenas terroristas, mas tinham também outros interesses envolvidos nessa luta deles?

K.B. – Não, não sei, não. Quer dizer, historicamente tá falando, então em 68 foi explicado assim aí Choi Hong Hi voltou pra Coréia pra selecionar, mandar pra Brasil pra ajudar pedido do presidente Médici, então nós chegamos depois três anos, depois três 71 chegou aqui terrorismo já tinha acabado. Então por isso que eu saí que nós ficamos no DOPS por isso, não precisava.

F.M. – Já veio direto pro DOPS, não foi pra outro lugar?

K.B. – Sim, não.

F.M. – Então vocês não tiveram um envolvimento muito grande com essa parte?

K.B. – Não teve, não teve porque tava acabando 1971, porque 1968 não queria vir aqui Brasil. Brasil é amazonas, Brasil é matos.

F.M. – Você tinham uma imagem negativa por conta daqueles primeiros imigrantes que vieram pra cá ou não? Por que os primeiros imigrantes que chegaram em 63 eles sofreram bastante né? Venderam terra que não existia, foram pro meio do matos...

K.B. – Sofreram. Então foi noticiado na Coréia, mas como jovens eu tava interessado sobre o Brasil? Eu não sabia nada sobre o Brasil, mesmo meus colegas não sabia, mesmo nossa família não sabia, não tava interessado sofrimento, esse conversa do outro mundo. Você lê jornal, mas não interessa a gente não lê. Então noticiado, mas a gente não tava interessado. Mas o dia de convite aí procura saber o que é Brasil? Brasil é Amazônia, Brasil é Pelé, Brasil é Amazônia, calor, Brasil é malária, doença, Brasil é único bom que tem é Pelé, Copacabana, Santos, Santos também conhecido com um porto, bela, bonita, certo? Resto não conhecia. Você quer ir no matos? Por isso que demorou.

F.M. – Então, essa época que o pessoal veio, não sei na década de 1970, 1960 eu sei que a Coreia passava por uma grande crise, né? Crise econômica, se reestruturando depois da Guerra e vocês vieram em 1970, mas de certa forma a vinda de vocês teve uma motivação de você estar buscando uma vida melhor ou não foi simplesmente o fato do General ter chamado?

K.B. – Outros eu não posso falar, por mim é... Por mim é pra cumprir meu dever.

F.M. – Você foi aluno direto do mestre Choi Hong Hi, né?

K.B. – Sim.

F.M. – E ele te pediu e você...

K.B. – Sim.

F.M. – Essa vinda pro DOPS então foi direta você não teve ir em lugar nenhum...

K.B. – Não fomos direto lá, dia seguinte falou: “esse grupo de choque tá muito barrigudo, quer trabalhar com taekwondo tem que trocar tropa”. Né? Aí falou: “como não tem mais terrorismo se quiser passar treino passa”.

F.M. – Então sabe o que é interessante Bang? Se você pegar os jornais da época 1971, você tem ainda tem uma atuação forte do que se chamou de terrorismo na época, mas que a gente sabe hoje que pessoas que estavam buscando direitos políticos aqui Brasil, se você pegar o jornal você vai ver que eles ainda estão atuando muito forte e que o governo militar ainda tá tentando sufocar muitas revoltas, sufocar grupos que tavam agindo, você tem muito seqüestro de embaixador nessa época, o seqüestro do embaixador do Japão inclusive nessa época. Por isso que chama a atenção, quando você fala: “ah tava acabando e tal...” Será que tava acabando mesmo ou você que tiveram contato?

K.B. – Acho que é uma parte... Assim, seqüestro assim é... Um caso que acontecendo qualquer hora, mas plano deles era ligado ao terrorismo aqui... Não sei história desse

terrorismo, mas combater esse quadrilha de terrorista, então aquele linha já tá acabando, serviço registrado pra resolver, acho que já tava resolvido, aí terminando aquele plano, projeto ia acontecendo outro, sempre problema crescendo né? Mas pelo DOPS acho que já tava terminando, né? E passando pra... Por que mestre Cho, mestre Kim, passando pra dar aula primeiro batalhão, né? Aquele época.

F.M. – Mas então Bang, deixa só eu ver se você concorda com isso que eu estou pensando. Na realidade então o que presidente Médici tinha medo é que ocorresse no Brasil uma guerra civil?

K.B. – Não tinha medo, ele tinha dó é que povo, povão tá morrendo sem saber nada, assim tinha dó não tinha medo.

F.M. – Porque aí a justificativa de trazer vocês pra cá pra treinar o DOPS seria não deixar que aquele movimento dito terrorista se transformasse num exército...

K.B. – Não, não é isso, é diferente. Eu acho que é não usar arma pra pegar esses terroristas. Usando arma tá matando muito pra pegar um terrorista, matando 20, 30 pessoas, então aí que tinha objetivo, não tinha medo de ser derrotado pelo terrorista, esse não tinha, esse tava dominando, dominando, mas, problema é não queria machucar civil. Então eles queriam pegar, por exemplo, lá dentro de casa tem um terrorista, então chegar pegar com mão, não joga metralhadora que mata tudo pra pegar um terrorista o objetivo é esse. Eu acho. Eu entendi, eu entendi assim. Né? Medo de terrorista acho que não tinha já tava dominando.

F.M. – Talvez não pra você, mas eu não sei se você de repente sabe de alguma coisa, numa outra entrevista com uma pessoa da colônia que eu entrevistei ela disse que esse contato do professor do taekwondo diretamente com a polícia foi muito importante na hora de repente de liberar um coreano que foi preso sem documento porque não sabia direito que tinha que andar com documento naquela época e acabava sendo preso e aí esse fato pode ter contribuído pra figura do Sabg In Kim ter tido a representatividade que teve naquela época na colônia. Você teve notícia um pouco dessa fase?

K.B. – Então aí... Não, alguns notícias que eu recebi aqui, mas sim Sang In Kim conhecido, ele ligado com polícia, então quem conhece polícia? Quem dava aula lá, então acho que procurou Sang In Kim né pra explicar assim... Que ele dava aula primeiro batalhão com Sang Min Cho e depois colocou academia militar, polícia militar, então ele conhecia policiais, ele conhecia pessoas de delegacia, então acho que é único pessoa que conhecia, relacionamento que tem, então mesmo coreano que tinha que procurar quem? Quem conhece polícia né? Mas tá muito longe não to sabendo assim claramente. “Ah fulano tá na delegacia, Sang In Kim foi conversar daí chegou lá...” Eu soube. Então isso eu não sei exatamente o quê que eles fizeram, não to sabendo muito bem.

F.M. – E aí depois, a partir do momento que vocês começaram a treinar a polícia aquilo foi mais pra... Como forma de condicionamento físico, não tinha nenhuma conotação de ser pro terrorismo?

K.B. – Não aqui... Por exemplo, minha parte outros não sei, nós viemos aqui objetivo parte defesa pessoal mesmo, com que domina adversário não precisava nada de faixa certo? Dominar. Cada situação como que domina? Pra dominar você precisa preparar eu físico, então objetivo é esse. Eu ensino taekwondo pra você, vai demorar pra chegar faixa preta, mas eu posso ensinar pra você dentro em três meses dominar uma pessoa, só ensina aquele técnico, então eu acho que você... Você não é taekwondista, né? Você tá preparando um atividade pra dominar durante ataque e pronto, então programa mudou né? Que não precisava, então nosso programa mudou e passando taekwondo.

F.M. – Mestre aí vocês vieram pra cá a pedido do General Choi Hong Hi, depois de um tempo ele foi exilado da Coréia como a gente hoje, estudando os documentos fornecidos pelo consulado, é interessante quando se fala de taekwondo que o nome dele não é citado e em outros livros você tem ele como a pessoa que foi o responsável pela unificação, não diria unificação, mas pela sistematização daquelas diversas técnicas que existiam na Coréia e batizando de taekwondo e o motivo disso aí você saberia dizer?

K.B. – Eu acho que esse simples político, eu não entendo bem por que como, qual atrito tenha... Ele tinha com atrito com presidente da Coréia aquele época por que...

F.M. – Isso foi 1970 né? 71?

K.B. – Não antes já, por exemplo, Choi Hong Hi é mais velho que presidente Park, então hierarquia ele era General, ele ainda, por exemplo, Coronel, não sei.

F.M. – O presidente?

K.B. – O presidente. E General já era General na época porque mais novo o presidente. Então como tava falando aquele hierarquia sistema coreano dos filhos entre os filhos tem hierarquia que obedece e tal. Mas, acho que é esse atrito que tinha, outro chegou presidente do nação e Choi Hong Hi entrou lá era jovem o presidente, então ele queria ser, receber aquele respeito de velho e outro queria receber aquele que postura do presidente, então acho que... Então pode ser mal entendido, eu não sei de situação, que gente fala: “é falava que faltou respeito”. Então assim começou um tipo de dissidência.

F.M. – Mas foi o presidente Park mesmo que nomeou ele como embaixador, ou era outro presidente?

K.B. – Sim, sim.

F.M. – Todo esse contato com Médici, tudo isso se deu na mesma época o mesmo presidente?

K.B. – Sim 1968.

F.M. – Então diferenças vão se acentuando com o tempo, né?

K.B. – Acho que sim, não sei lá dentro o quê que aconteceu. Aí depois ele... Ele foi acho que ele... Aquele época coreano nunca que imaginava, imaginava vai à Coréia do Norte, certo? Elogiar comunismo por que nós mundo inteiro quem conhece bem comunismo não existe melhor do que coreano, coreano sofreu por causa de comunismo. Aqui muitos falam que comunismo! Fala que é teórico, na Coréia sentir pelo pele, certo? Então ninguém pensava, ninguém falava sobre o comunismo e assim... Choi Hong Hi falava sobre Coréia

do Norte, certo? Acho que foi feito visita pelo Estados Unidos, pelo China e ele chegou lá encontrou presidente da Coreia do Norte, essas coisas acontecendo e eu já tava aqui não sabia, mas depois eu fico sabendo, filmado tudo, elogiando presidente Coreia do Norte publicamente, certo? Então esse como coreano nunca que imaginava que acontece. Ato foi mal feito, por visão de terceira pessoa, mas por ele era unificação Coreia do Sul, Coreia do Norte pelo taekwondo. Então acho que é uma aplicação tática de político foi... Não sei, certo ou errado, mas eu não sei, mas por visão do governador foi errado.

F.M. – A divisão das duas Coreias nunca foi um desejo do povo coreano.

K.B. – Não.

F.M. – Foi uma coisa imposta externamente.

K.B. – Isso.

F.M. – E o exército que tá lá, que entrou na época e que ainda tá até hoje comandando a Coreia do Norte tinha ligação com esse exército da Coreia do Sul? Era o mesmo exército a princípio, as pessoas se conheciam? Vamos supor, você falou dessa relação do General Choi Hong Hi com o presidente da Coreia do Norte que é um general também, eles em algum momento enquanto a Coreia era uma só, você sabe dizer se eles tinham, se eles estavam no mesmo exército se eles se conheciam?

K.B. – Acho que não, não, não. Não conhecia não. Não conhecia não por que esse General Kim que faleceu chefe da Coreia do Norte era uma pessoa que não existia ele é... Ele é inteligente intelectual que estudou na Rússia, certo? Esse não tem nada a ver um criou uma pessoa, eu acho não tenho certeza. Pelo o que eu li nos livros ele é uma pessoa criada pelos russos.

F.M. – E aí naquele momento o General Choi Hong Hi foi exilado da Coreia e aí eu acredito que deve ter gerado um certo mal estar entre os mestres de taekwondo por que certa forma ao mesmo tempo que vocês tinham uma relação forte com a Coreia que era seu país de origem vocês também tinham uma relação forte com seu mestre por questão

mesmo da própria filosofia do que é o taekwondo, de você respeitar o mestre. Como que vocês enfrentaram essa dificuldade?

K.B. – Então quando nós saímos em 1971, nós saímos da Coreia, aquele época já tá movimentando formar federação mundial, certo? E já pelo politicamente já tá preparando que tirar esse Federação Internacional e formar Federação Mundial, mesmo tempo já esperava que Choi Hong Hi vai sair da Coreia, então, mas como eu falei...

F.M. – Já havia essa conversa, vocês já sabiam que mais cedo ou mais tarde ia ser criada a Federação Mundial e que o Choi Hong Hi ia sair da Coreia?

K.B. – Não sair a gente não sabia, mas o último dia do saída, saída minha ele tava preparando pra viajar acho que Austrália, não lembro bem, né? Aqui que tem problema, ele é adulto, nós é jovem problema de... Essa é um tipo de hierarquia de classe né? Velhos não conta problema pra jovens sabe? Então a gente não sabia, não sabia o quê que acontecendo, né? Aí nós chegamos aqui, depois Choi Hong Hi vem Brasil, certo? Setenta e três, setenta e três acho que veio Brasil aí eu fui receber ele em São Paulo com ainda meus alunos junto, foi ver.

F.M. – Nesse momento ele já tinha sido exilado já?

K.B. – Ah já tava Canadá acho, não lembro. Canadá? É Canadá acho, já tava Canadá, estabeleceu Federação internacional no Canadá.

F.M. – E como é foi a conversa?

K.B. – É nós... Eu conversei: “o senhor é meu mestre, mas eu tô aqui, já saiu do braço do país, então eu responsável pra Brasil, futuro Brasil, então eu concordo tudo, origem o senhor tudo, meu mestre o senhor tudo, mas parte do burocracia para Brasil acho que bom ligar pra Federação Mundial”. Por quê? Federação Internacional diminuindo, ligando comunista, eu também não gosto de comunista, certo?

F.M. – Mas isso não era mais um discurso do que uma coisa mesmo na prática?

K.B. – Como?

F.M. – Ele realmente estava se ligando ao comunismo, ou ele simplesmente de repente começou a fazer esses elogios ao coreano apenas como uma... não uma afronta, mas como um modo de mostrar o que ele achava que o presidente ali mais novo no caso da Coreia deveria fazer pra Coreia do Sul se desenvolver?

K.B. – Acho que não.

F.M. – Ele estava realmente se tornando comunista?

K.B. – Não, eu não posso falar que ele tornou comunista, mas uma como diplomata representa uma nação maior, uma nação taekwondo certa? Chega lá de repente que elogia máximo líder de comunista! Eu também não concordo essa parte, né? Como chefe e chefe tem que ser mesmo nível de conversa né? Essa parte eu não concordo por que unificar tudo bem, mas se dar todo pra ele desse tipo de conversa a gente não concorda, eu não concordo essa parte. Eu não gostei, eu vi, eu vi conversa pelo... Consulado convidou todos os mestres pra ver fita o que ele fez lá, não gostei realmente.

F.M. – Por conta também de sua história de ter perdido um irmão na guerra, isso também ficou muito forte na sua vida.

K.B. – Isso. Eu... Eu senti pelo carne o que eles fizeram, eu vi o que eles comandaram, que jeito que comandaram não gosto. Quando a gente, quando estudava na universidade era obrigatório como conhecimento em geral aprender, ler, fazer trabalho marxismo, comunismo, ideal parte filosofia. Então lendo é maravilha, né? Mas prática não é, certo? Então eu não gosto de comunismo particularmente. E aconteceu e o mundo intero tava ligando, Un Yong Kim tava trabalhando, presidente da Federação Mundial aquele época, esse Um Yong Kim mesmo faculdade que formado comigo, né?

F.M. – Vocês foram colegas?

K.B. – Não colegas, ele é mais velho, mas formado mesmo escola... Na minha terra é assim que formado mesmo escola é como irmão, certo? Então a gente considera irmão mais velho.

F.M. – Inclusive aqui no Brasil algumas pessoas se organizaram no sentido de se encontrar porque tinham estudado na mesma escola.

K.B. – Sim, sim, aqui brasileiros?

F.M. – É.

K.B. – Então é muito bom.

F.M. – Não, não, não. Não brasileiro, os coreanos aqui no Brasil quando chegaram também se reconheceram, né? “Ah qual escola você estudou?” “Ah eu estudei em tal escola”. “Ah eu também”.

K.B. – Sim, sim.

F.M. – Essa união também foi trazida pra cá.

K.B. – Isso. Aqui... E continua, até hoje continua eu participo, certo? Minha mulher foi agora ano passado, foi no Coréia pra reunião, reunião anual, né? Acho que formado depois 40 anos, foram lá, foi. Então é gostoso. Então é como tratar irmão. Então é mandando carta, atualidade mundo inteiro tá filiando ele tá dirigindo é mundo. Então eu tava pensando Brasil mesmo, Brasil tem representar independentemente, Brasil pra mostrar o seu técnica parte taekwondo. Se coloca na Internacional ligação, todo mundo tá afastando, então Brasil não tam oportunidade de mostrar. Eu falei pra... Diante de Choi Hong Hi: “para Brasil melhorar tecnicamente eu ligar Federação Mundial”.

F.M. – Você foi o interlocutor de todos os mestres com Choi Hong Hi ou cada mestre...

K.B. – Cada mestre conversando, ele convidou pra ir sala, uma sala um por um.

F.M. – E alguém não teve a mesma opinião que você ou não?

K.B. – Não, não sei. Não o quê que falou, não pergunta, respeito, né? Ninguém fala.

F.M. – Não, sim, sim, tudo bem, mas quantos mestres eram nessa época?

K.B. – Tinha só três mestres, é... Quatro, quatro, acho que três ou quatro?

F.M. – Você, o Sang In Kim, o Sang Min Cho.

K.B. – É quatro.

F.M. – Kum Joon Kwon ou não?

K.B. – Kum Joon Kwon acho que não tinha chegado ainda.

F.M. – Woo Jae Lee?

K.B. – Shin Kwang Soo. Kwang Soo Shin? Acho que tava nos Estados Unidos. (suspiro)
Não lembro, três ou quatro só. Aí acho que custou mais... Mais querido mestre do Choi Hong Hi é Sang Min Cho. Sang Min Cho é que ele gosta mesmo. Sang Min Cho trabalhou bastante, ultimamente antes de sair da Coréia ele ficou assim... Meses na casa dele pra terminar aquele livro.

F.M. – É mais até o... Ah não é o Sang Min Cho que você falou.

K.B. – Isso. Ajudou bastante, mas até ele mesmo queria ligar pra Federação Mundial.

F.M. – E isso aí pra ele... Deve ter sido um momento traumático, tristeza dos dois lados até.

K.B. – Isso. Eu acho. Depois não voltou mais, depois não comunicou mais pra mim. Eu mandei carta ano novo, escrevi carta pedindo saúde, um ano, dois anos, não responde aí parei. Não queria conversar mais tá bom. E outro lado forçando, forçando que Um Yong Kim, citava a escola, secretário geral também do Yanssei University. Então toda formação do grupo era da mesma faculdade, então teve mais contato e vice-presidente Kukkiwon era meu chefe quando eu servia militar. Exército eu servi como soldado por que na Coreia todo mundo tem que servir exército se entra soldado é três anos, se depois formado, oficial é cinco anos de serviço, então eu queria servir só três anos fui soldado, aí foi transferido pra exército americano, aí base do militar exército ONU, eu servi. Aquele época eu chefe...

F.M. – Exército da ONU é isso?

K.B. – Hã!

F.M. – Qual exército? Eu não entendi.

K.B. – Base do exército da ONU. ONU base, lá tem americano, britânico, italiano...

F.M. – Sim, sim é que eu não tinha entendido.

K.B. – Mas eu transferido pra soldado americano, certo? Então eu faz parte administração tal. Aí era chefe, chefe que foi mandado pra primeira tropa de exército instrutor do taekwondo.

F.M. – Você foi.

K.B. – Não meu chefe, que Coronel, né? Coronel foi convocado primeiro ele levou instrutores pra... Como teve sempre teve contato durante anos no exército mesmo no escritório, de manhã, de tarde, todo dia... De repente ele foi nomeado na Kukkiwon aí chega é tudo bem conhecido, né?

F.M. – Tava entre amigos.

K.B. – Então ele mandou carta: “Dá uma força pra que... Eu to aqui”.

F.M. – Mas também nessa conversa com o Choi Hong Hi vocês já foram preparados também de certa forma por que no consulado vocês já tinham assistido aquela fita que mostrava como ele... Vocês já tinham notícia do que tava fazendo...

K.B. – Sim, sim, sim.

F.M. – Além desse contato da Kukkiwon com vocês, vocês tinham o consulado também...

K.B. – Sim, sim.

F.M. – E isso foi mais ou menos quando?

K.B. – Então eu não lembro direitinho... Começo, né?

F.M. – Por que a WTF é de 1971 não é?

K.B. – Não é 1971 por que eu levei meus alunos, já era faixa azul, 1972, 1973 por aí.

F.M. – E já era WTF?

K.B. – Nós viemos como ITF.

F.M. – Sim, sim. Mas quando você foi pra lá levou seus alunos já era WTF?

K.B. – Não, não.

F.M. – Essa ida que você tá falando é a ida pra São Paulo pra falar com Choi Hong Hi.

K.B. – Isso. Aquele época, ainda não tava, Brasil não tava registrado. Brasil não tava registrado nenhum órgão.

F.M. – Tinha só os mestres trabalhando...

K.B. – Mestres trabalhando ligados à Federação de Pugilismo Paulista, certo? Minha academia é ligado com pugilismo paulista.

F.M. – Bang, no momento que Choi Hong Hi organizou as técnicas, sistematizou e deu o nome de taekwondo, nesse mesmo momento já foi criada uma apostila ou algum tipo de livro de técnicas ou essas apostilas que a gente de certa forma teve contato enquanto aluno de taekwondo, enquanto atleta, essas apostilas que circulavam foram criações os próprios mestres Brasileiros? Sabe essas apostilas de técnicas, como chutar, chute tal, faixa amarela tem o punsse tal, tem o taeguk tal...

K.B. – Sim, sim tem, mas até Choi Hong Hi que unificou ainda tecnicamente ainda não tava unificado totalmente, depois que unificou, colocou o nome de taekwondo aí unificando tecnicamente, por exemplo, fazendo curso de taekwondo. “Vamos ensinar até aqui faixa branca, até aqui faixa amarela...”. Certo? Depois tecnicamente unificando.

F.M. – Então no começo tudo o que era arte marcial passou a ser taekwondo?

K.B. – Isso.

F.M. – Só que na prática tava tudo misturado com taekion, com subakki...

K.B. – Isso, isso.

F.M. – E esse caminho todo, quando ficou mais ou menos claro o quê que é taekwondo quando foi? Você consegue lembrar? Por que vocês já vieram pra cá muito claro na cabeça o quê que é Taekwondo e o quê não é.

K.B. – Mas tecnicamente diferença é muito pouco, diferença principal como já era mestre tudo, então diferença é pouco, coloca dependendo da modalidade, por exemplo, Tang Soo Do, a academia Tang Soo Do mudou pra taekwondo, tirou placa, então eles precisavam

aprender um pouquinho mais agilidade, certo? E tirar força física, certo? Então mudança era pequeno, então eles adaptaram muito rápido.

F.M. – Na realidade então mesmo tendo várias escolas, vários tipos de artes marciais na prática eram todas muito parecidas, então?

K.B. – É. Quase parecidas, quase parecidas, por exemplo, hoje não praticando taekwondo coloca um mesmo uniforme de caratê e taekwondo você não percebe, certo? Caratê desenvolveu. Caratê antigamente até 70 tinha seu chute de frente, frontal, hoje caratê usa todo tipo de chute, importou essa técnica do taekwondo. Então tá misturando que só o nome é caratê, por exemplo, caratê japonês Kyiokushin Kay é puro taekwondo.

F.M. – O caratê kyiokushin?

K.B. – É. Caratê kyokushin é taekwondo, ele é primo do Choi Hong Hi que mora no Japão é taekwondo, então ágil, agilidade, não passa de adaptação.

F.M. – Era um primo do Choi Hong Hi que foi pro Japão na época do domínio Japonês?

K.B. – Isso.

F.M. – É! Por que naquela época muitos coreanos iam pra lá depois eles mudavam o nome, colocava a identidade como japonês...

K.B. – Isso. Então kyiokushin kay é coreano, taekwondo, você comparando um pouco mais ágil, agilidade que tem, então quem não conhece coloca que é caratê, que é taekwondo, veste o mesmo uniforme não atinge rapidamente quem é taekwondista quem é carateca, certo? Então como o tempo mostrando um corpo duro pesado: “ ah esse é caratê, ah esse é leve então é taekwondo”. Então com curso de treinamento de instrutores é fácil de...

F.M. – Aí a coisa foi caminhando...

K.B. – Isso.

F.M. – Mas então era uma coisa que também ninguém tinha muito claro, pelo jeito, né? A coisa foi caminhando pra transformar numa coisa só, ou Choi Hong Hi já tinha o projeto na cabeça do que ele entendia como seria o taekwondo?

K.B. – Não todos mestres sentaram juntos e fez programação, né? “tem que corrigir aqui, fazer isso aqui certo aqui”. Aí já saiu. Mas, no papel saiu já quando unificou, mas treinamento que demorou um pouco. Tem que treinar todos os dias...

Felipe E na Coréia de ter uma apostila, por que aqui no Brasil você tem muito assim, algumas academias você vai você tem a apostila tal pra faixa branca, técnica tal, o nome do chute, chute assim, chute assado...

K.B. – Não tinha muito esse apostila.

F.M. – Lá pra vocês. A transmissão era oral.

K.B. – Isso.

F.M. – O cara falava e mostrava, o mestre falava e mostrava.

K.B. – Isso.

F.M. – Outra coisa que eu queria perguntar e assim Bang. Com relação à vinda de vocês pra cá, dos mestres de taekwondo, se vocês ainda tinham algum tipo de mágoa em relação aos japoneses, porque a gente sabe do tempo que eles dominaram a Coréia e que fizeram muita coisa ruim lá pro povo coreano, só que, no entanto quando a colônia veio pra cá, a colônia particularmente, eles se aproveitaram muito do fato dos japoneses já estarem aqui por que isso foi bom, por que muitos já conheciam um pouco de japonês e os japoneses também já tinham construído uma certa imagem positiva deles de povo honesto, trabalhador e tal e isso foi importante prós coreanos. Pra vocês mestres teve uma pouco isso existia alguma mágoa?

K.B. – Não. São Paulo podia ter não, mas por mim não teve por que eu trabalhei, já falei época estudante, eu trabalhei pra esse união pra esquecer... [suspiro] Eu fiquei seis meses no Japão fazendo palestra todas as faculdades, eu passei todas faculdades...

F.M. – Como representante daquela união dos estudantes.

K.B. – Isso, ISRA né? Como presidente, então é... Passou, passou, né? Tô falando pra trás, lembrando aquele mágoa. Humanidades pra ser unidos tem que estudar e ter paz, nós precisamos de união desses jovens pra futuro crescer e melhorar, meu trabalho era esse então, meu visão tava aberto, no começo eu já falei né? A minha visão é mundo inteiro é... Que raça que é? É brasileiro, coreano? Eu não quero separar divisão minha filosofia é essa. Então eu trabalhei entre os jovens, pra unificar não pode lembrar de mágoas, certo? Hoje pra futuro pra melhorar tem que lembrar as coisas boas. Claro eu falo, coreanos antigamente cultura melhor ensinava vocês. Sim é verdade, mas vocês melhorou que matou coreano como foi falado que lembra mágoa ta certo? Dominou? Foi dominado. Sempre o mundo é mais um dominando o outro, certo? Foi assim. Não precisa marcando, lembrando. Hoje americano tá dominando? Fala pra quê. Então fica bravo, né? O Lula e disse ao Bush: “ não faz Guerra”. EU por mim não queria lembrar aquele mágoa, não queria lembrar de passado. Eu considero japonês número um, melhor amigo aqui. Eu participo Kay Khan, minha sogra também vai na Kay Khan que é reunião de japonês, então por mim não existe, por mim. São Paulo não sei. Dependendo da situação as coisas são... É racistas coreanos, se você atrás de japonês as vezes, né? Não sei...

F.M. – Aqui pra você foi importante então ta perto dos japoneses. A escolha de Marília levou em consideração o fato de já ter japoneses?

K.B. – Não, eu escolhi Marília por que cidade menor.

F.M. – Porque é muito longe de São Paulo e ainda mais naquela época, e inclusive difícil de chegar.

K.B. – Isso, isso. Eu fui lá ver Campinas, eu fui lá ver Santos, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Bauru, Marília, entre essas cidades Marília era menor, por que eu viajei mundo inteiro, eu sei de situação do estrangeiro, por exemplo, você vivendo no capital cidade grande é porta fechada, não tem conversa, eu preciso conversar pra aprender Brasil, então cidade que eu visitei cidade menor é aqui. Marília entre eles aquele época 100 mil habitantes, né? Assim viviam porta aberta, então de manhã eu dava aula volto pra casa aí vizinho já veio pra minha casa ensinando minha mulher, aí ensinando português: “esse é mesa, cadeira, garfo”. Ensinando assim né? Então dia a dia convivendo mesmo, vizinho do meu marido trabalhando, meu marido trabalhando então mulher não faz nada então interessante pra eles parece uma macaco que veio do outro mundo.

F.M. – Mas você tá falando uma coisa que é bem diferente do que aconteceu com a colônia coreana em São Paulo.

K.B. – Sim.

F.M. – Por que eles além de muitas vezes encontrarem portas fechadas, o que acabou contribuindo para que eles se fechassem mesmo enquanto grupo na colônia, tem até caso de estupro de pessoas, de mulheres que iam vender roupa e acabavam sendo estupradas. E aqui não, aqui foi o contrário, as pessoas procurando pra ajudar.

K.B. – Isso, até hoje nós fazemos uma reunião daquela, daquele quarteirão até hoje nós temos reunião, gosta sabe, então quando eu não sou ninguém aí bem recebidos, então até hoje nós reunimos, muitos, muitos amigos mesmo.

F.M. – Eu tava lendo um trabalho sobre imigração coreana e eu vi que muito da imigração clandestina dos coreanos, dita clandestina, saía da Bolívia, do Paraguai e passava por aqui pelo oeste paulista, você chegou a acolher algum desses imigrantes coreanos?

K.B. – Não.

F.M. – Eles te procuravam, sabiam que você tava aqui?

K.B. – Não esse tipo de pessoa não procurou. Assim procurava pessoal de São Paulo, vendedores, né? Vendedores saíam de São Paulo pra alto paulista, aí quando passa aqui em Marília e me procurava, dormia em casa, comia em casa no dia de descanso, trazia notícia de São Paulo, então sempre vinha. Aquele época pouca gente, né? Pouca gente então tudo amigo, certo? Procura coreano mesmo, até pouco tempo que é assim. Aquele sentimento de amizade, certo? Hoje todo mundo melhoraram parte financeiro, então passando perto aqui fica num hotel, certo? Não me procura, não tem mais conversa, acho que não querem incomodar ou não quer ser incomodado ou nem conhece, então há alguns dias atrás veio um grupo de amigos e família, aí ia jantar aqui na restaurante a noite olhando e falando coreano, língua coreana aí eu cheguei e cumprimentei. “Ah eu soube que um coreano que mora aqui Marília, mas não queria incomodar, então já ta indo”. Foi embora e nem... “A próxima vez se precisar se acomodar aqui...” Eu dei um cartão, mas assim recebeu o cartão meio frio, né? Então hoje ta virando... Ocidentais. Não sei, perdendo assim calor humano...

F.M. – É por que são 50 mil mais ou menos, né? Hoje, entre coreanos e descendentes.

K.B. – Eu não tô sabendo, mas colônia publicando que é 50 mil.

F.M. – 55 mil se eu não me engano.

K.B. – Como aquele tem grupo de pessoas que imigrando para um país aqui pertinho Argentina era melhor, Paraguai era melhor. Então imigraram pra lá, depois Brasil melhorando re-imigraram pra Brasil, as vezes sem documentação, depois mora aqui aí tá piorando economia esse re-imigra pra México agora, depois pra Estados Unidos, então um grupo que gosta desse tipo de vida.

F.M. – Os coreanos que vieram pra cá fugindo da crise e tal eles são um pouco diferentes de vocês então, dos mestres? Por que os mestres já vieram com um objetivo definido então?

K.B. – Sim.

F.M. – Não era enriquecer nem nada disso? Melhorar de vida?

K.B. – Não. Começo de imigração é aquele imigração sobre agricultura, depois nós viemos de mestres quase mesmo tempo que, acho que militares aposentados, depois aí começou vir esse comerciantes pra enriquecer. Então começo, pessoal de começo não era pra enriquecer.

F.M. – Não, mas melhorar de vida talvez? Por que a condição era difícil mesmo na Coréia na década de 60?

K.B. – É que todo lugar que sofre... É por mim, por mim não sofreu tanto, mas pelo notícia tava sofrendo.

F.M. – A sua família não teve tanta dificuldade assim depois da Guerra?

K.B. – Não teve. Muito sorte, sorte da família sempre foi bem depois Guerra, durante Guerra por que já tinha como negócio dele tinha várias cidades casas já montado, então nós fugimos, fugimos do norte em Seul meus tios tava estudando lá em Seul tinha casas, nós fugimos pro sul no época de Guerra aí meu avô já tinha casa, então...

F.M. – A princípio a sua família é do norte da Coréia então?

K.B. – É eu nasci norte.

F.M. – E aí começou a guerra vocês...

K.B. – É. Terminou Segunda Guerra Mundial, começou entrar comunismo aí fugimos pra sul. Meu avô era... Era dono de um mina de ouro [risos]. Aí ele ia morrer, perder mina e perde vida, então largou tudo, fugiu pra sul.

F.M. – Deixou a mina lá, a mina era no norte?

K.B. – É, Então meus tios tava estudando em Seul e já tinha negócio em Seul, já tinha casa, uma noite... Eu lembro, eu lembro que eu era pequenininho, uma noite que assim

andando, andando assim montanha e doendo perna, mas pai puxando assim braço, balançando depois...

F.M. – Fugiram a pé mesmo?

K.B. – É fugimos a pé noite né? Aquele época também não tinha condições, passou um lugar, acho que um carroça, boi, vaca que puxando carroça, eu lembro que eu sentei atrás assim né? Vindo né? Aí chegamos a noite na fazenda dele no meio do caminho descansamos, acho que lá quê arrumamos carroceiro aí passando na montanha, eu lembro de uma montanha alta aí descendo, aí chegou, chegou Seul.

F.M. – O terreno da Coréia é muito montanhoso, então eu imagino que a viagem ainda mais no lombo de boi devia ser...

K.B. – Então onde era a fazenda era perto daquela montanha diamante onde abriga o turismo hoje, perto lá. Então é montanhoso mesmo, eu lembro.

F.M. – Mas Bang, conversando com uma pessoa da colônia que eu entrevistei ele tava me contando que assim... Gerou um certo mal estar dentro da colônia entre esses 1.5 e os coreanos vieram da Coréia já formados no momento que alguns mestres começaram a deixar um pouco de lado o taekwondo, deixaram de ser mestre, pra trabalhar no comércio, pra investir no comércio, pra ter loja de roupa, pra investir, fazer empreendimentos imobiliários, mas até aí tudo bem, o problema é que trabalhando dessa forma, numa perspectiva mais capitalista, vamos dizer assim, não relacionada a arte marcial, esses mestres ainda queriam usufruir do título de mestre. Então assim: “você me obedece por que eu sou mestre, então o que to fazendo aqui é por que eu sou mestre, o que eu tô dizendo tá bom e tal...”. Você tem alguma coisa a dizer sobre isso?

K.B. – Essa parte eu não conheço e também nunca fez comércio né? Eu não gosto...

F.M. – Mas isso realmente aconteceu alguns mestres acabaram trabalhando muito mais com comércio do que com taekwondo né?

K.B. – É eles paralelamente, todo mundo... Por exemplo, mestre Cho primeiro amigo escolheu trabalhou a loja né? Então ele tava trabalhando então ligado. Depois ele re-imigrou pra Estados Unidos. Sang Min Cho mexeu imobiliária você falou, mexeu imóveis né? Que construiu rodoviária antigo pra shopping, né?

F.M. – Foi Sang Min Cho ou Sang In Kim?

K.B. – Sang In Kim, é isso, então tá ligado e ele tinha loja lá então tá ligado com comércio e como morando, vivendo em São Paulo morando só sobre taekwondo não dá pra viver certo? Então eles tem que fazer alguma coisa ou outra. Então nessa hora que pediram coreano ligado a comércio de roupas, confecções, então eles entraram no meio desse comércio convivendo com esse, mas só pra taekwondo, taekwondo acho que único mestre que chama Bang [risos].

K.B. – É na realidade você só continuou com a sua profissão que você tinha formação por que você veio da Coréia formado como em Medicina oriental não é isso? E uma outra questão lá Coréia os professores cobravam? Existia um profissional assim... Por que hoje no Brasil você tem a figura do mestre, o mestre brasileiro ele é mestre profissional. Qual a profissão dele? Sou mestre de taekwondo, eu tenho academia, eu dou aula de taekwondo essa é a minha profissão. Na Coréia era assim também, as pessoas pagavam? Eu me lembro numa outra entrevista que pagavam, mas não era uma coisa imposta. Quem podia pagava. Nessa outra entrevista você me disse que quem podia pagava, quem não podia não pagava e o mestre não cobrava também por que um favor que ele fazia pra sociedade e ele tinha uma outra ocupação além do taekwondo, né?

K.B. – Então, tem variedades de situações dependendo de cidade onde vive, diferenciado, por exemplo, como São Paulo que tá morando, Seul dando aula, alugado caríssimo tem que cobrar, certo? Ele cobra ele vive tem que pagar aluguel, certo? Cobrando. Uma cidade pequena, por exemplo, doado. Aqui eu alfaiate que eu dava aula esse me deve, mas não cobrava dele aluguel, não precisava acrescentar esse aluguel. Então tem lugar que não cobra. Um mestre, mestre profissional não tinha muito, não tinha muito.

F.M. – Na Coréia?

K.B. – Na Coréia meu tempo. Mestre assim, eu pratiquei não pela profissão, eu pratiquei pelo “hobby”, prazer, então quando eu fico velho, por exemplo, fica velho aposenta amanhã, eu chego lá e ensina em centro comunidade, vou lá. “Vamos fazer exercício?” Ensinar bem jovens taekwondo, assim foi passando tempo. Hoje quando taekwondo entrou esporte, né? Esporte que espalhou mundo inteiro, então tá todo mundo exigindo pra ter melhor técnico, pra ser melhor, treinar pra ter condições, certo? Então tem gastar. Tudo isso exige financeiro pra preparar tudo isso, então hoje tá formando profissional mestre, antigamente... Choi Hong Hi, por exemplo, ele profissional? [risos] Ele é grão mestre, mas ele gostava e ele ensinava na militar, então militar ninguém paga, militar recebe do governo, ele ensinava, aplicava, ele convidava na casa dele pra correção, aí convidava na garagem, na garagem dele! E a gente treinava: “Ah trás o uniforme aí, trás o uniforme, você vem de sábado aqui, vai dormir domingo, de sábado pra domingo, então vem prepara roupa, vem aqui”. E a gente vai lá, certo? Aí manda a gente trocar roupa: “assim vai mudar aqui...” Ele, a gente pagava? Não pagava nada. Então ele, ele não era profissional de taekwondo, profissão dele era general e ele recebe aposentadoria, então vive disso.

F.M. – Então essa pessoa me falava de um desconforto de que justamente esse pensamento, esses mestres acabaram exigindo um ainda um certo respeito, mas eles exigiam o respeito que a pessoa deveria ter para com mestre nas transações comerciais e esse foi o problema.

K.B. – Eu acho que esse exigir respeito, exigir respeito já errado, esse que tá exigindo acho que não tem condições de ser mestre. Respeito é ser respeitado, não pode ser... Ele não sabe respeitar outro, como que pode ser respeitado? Que confunde muita gente coreanos que chega lá abaixa cabeça fica quieto e respeita, não é. Brasileiro fala pra pai: “você!” Né? Esse é desrespeito? Não por que tá respeitando pai. Mas coreano tem que chamar “senhor”, né, as vezes tem que falar “senhor”, mas por dentro tá: “que esse cachorro!” Certo? Então que não pode, que você falando que tá exigindo respeito já tá errado, esse que se for mestre, por mim não tem condições de ser mestre, nem precisava colocar a palavra mestre na frente do nome dele eu acho. Eu acho! Respeito, respeito é outro que dando respeito, não pode exigir respeito esse não é material, eu compro você tem que pagar pra

entregar esse no mercado, então eu pago você entrega esse mercado chama respeito não pode exigir, respeito é uma palavra ser respeitado.

F.M. – Uma conquista.

K.B. – Uma conquista, não pode exigir. Se alguém exige respeito eu acho que é errado e não pode colocar nome mestre porque não tem qualidade de mestre.

F.M. – A gente já conversou bastante, só uma última questão. Muitas pessoas da colônia, algumas pessoas que eu tive contato da colônia, me disseram que pelo de estar aqui a muito tempo no Brasil e de ter absorvido uma certa quantidade dessa cultura brasileira, essa cultura misturada, essa cultura que a gente não é uma são várias culturas sentiram um certo estranhamento no momento que saíram daqui pra ir pra Coréia, porque viu que apesar de ser coreano no papel, de nascimento quando ia pra Coréia via que as coisas na Coréia tinham mudado e que ele não tinha acompanhando aquela mudança e por isso não se sentia tão coreano assim. Como que foi essa sua experiência na Coréia, você sentiu um pouco isso?

K.B. – É acho que em meu lugar onde tô indo não senti muito não porque mudança, mudança que deu mudança grande na Coréia é parte físico, parte físico e acompanhando lentamente parte espíritos, né? Materialismo, capitalismo, mas onde eu vou encontra amigos, encontra colegas de escola, que eu não sou comerciante, eu sou visita então amizade. Eu não senti muito, mas...

F.M. – Mas também você só ficou mais restrito aquele seu círculo de amizade da época que você morava lá, você não teve muito contato com outras pessoas?

K.B. – Eu teve por que lá que, por exemplo, você mora, começou experimentando em morar São Paulo, então você vive aquele circuito seu, você não tem muito aquele amigos mesmo, por que praticamente eu era estudante como você tá ainda estudante, coreano estudante não trabalha você até 40 anos defendendo doutoramento você dependente do pai porque consideram você estudante, então fica dependente. Então circuito é aquele, sai da escola quanto tempo você tem, sai noite, então com quem que sai? Seus amigos. Fim de

semana você vai fazer passeio, com quem? Seus amigos. Então é fechado mesmo, que não tem, você também estudante não tem muita oportunidade de participar sociedade. Então eu não tinha muito participações, eu trabalhava, já falei, na ISRA internacional, então fim de semana pra responder correspondência. Eu fiz sete amigos, que sempre andava juntos, estudava juntos até colégio, faculdade separou mas fim de semana encontrava amigos, não consegui reunir mais eu e mais quatro. “Oi tenho no Japão hoje, agora amanhã a gente encontra”. “Oi Indonésia...” “Oi Malásia...” Todo dia um indo outro voltando. Então eu falei: “ah tá bom então”. Até 1985 eu não mais pra Coréia, mas eu não senti nada de dificuldade, mudança por que a gente leva dinheiro pra gastar comprar o que pede eu pago, se encontra amigos é aquele amigos antigos, volta coração, né? Trinta anos atrás é o mesmo, por mim.

F.M. – Na realidade então você acha que essa filosofia do confucionismo ainda tá muito presente na Coréia.

K.B. – Não. Em capital, por exemplo, está perdendo bastante. Eu percebi capital perde pelo notícia, pelo ensinamento eu vejo pelo meus amigos, sim ainda continua, mas em geral tá perdendo.

F.M. – Pelo próprio ritmo das pessoas.

K.B. – Isso, então meus amigos não têm tempo pra conversar, mas esposas firme ficando em casa, como é suficiente pra sustentar família só um homem a mulher não trabalha, a mulher sempre ao lado de filhos ensinando, deu pra perceber família de meus amigos continua firme esse pensamento, mas família classe média assim, pai e mãe começa trabalhar filhos, então o que filho vê mais rápido que entrando na cabeça deles é materialismo, então ele enchendo esse e nosso filosofia antigo tá sumindo. Então unificando formando uma filosofia misturado ocidente e oriente [risos].

F.M. – Obrigado mestre.

[FINAL DA ENTREVISTA]